



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7697 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

"Eu gosto de trabalhar gramática com eles": os textos e o ensino de gramática numa turma de alfabetização

Ana Caroline de Almeida - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

“EU GOSTO DE TRABALHAR GRAMÁTICA COM ELES”: OS TEXTOS E O ENSINO DA GRAMÁTICA NUMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO

Nesse trabalho, trazemos um recorte de pesquisa de doutorado que teve como objetivo geral descrever e analisar *eventos de alfabetização* em duas turmas do primeiro ciclo, a saber: uma da Rede Municipal do Recife (PE) e outra da Rede Municipal de São João del-Rei (MG), ambas turmas de segundo ano. A questão-problema que guiou o nosso olhar no decorrer do estudo foi: Como as práticas e os *eventos de alfabetização* estão sendo construídos em turmas do ciclo inicial, após a implementação das ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC? Nossa hipótese era de que as ações do Programa pudessem estar impactando, de algum modo, os processos iniciais de ensino e aprendizagem da língua escrita. A noção de *eventos de alfabetização*, defendida na tese, emerge do conceito de eventos de letramento, proposto por Heath (2004) e aprofundado por Street (2014) e Barton e Hamilton (2004). Definimos o *evento de alfabetização* como qualquer situação em que a escrita - ou um fragmento dela, integre uma interação entre diferentes sujeitos que participam de um processo de alfabetização, na escola ou fora dela. Discutiremos aqui, resultados da observação na turma de São João del-Rei, no que tange aos *eventos de alfabetização* com ênfase no ensino de gramática. Buscamos uma convergência entre Paulo Freire (2014, 2015) e os Novos Estudos do Letramento (NEL), a partir de Barton e Hamilton (2004), Heath (2004) e Street (2014) e referenciamos numa concepção de linguagem com base na Teoria da Enunciação (BAKHTIN, 1997, 2014). Optamos ainda, metodologicamente, pela observação participante, com base na abordagem *Comparative Case Study – CCS (Estudo de Caso Comparado – ECC)*, a partir dos estudos de Bartlett e Vavrus (2017), e na *perspectiva etnográfica*, a partir de Street (2014), Heath e Street (2008) e acompanhamos a turma em questão, entre os meses de maio a novembro de 2017, num total de 44 dias. Esses autores fundamentaram nossa compreensão de que, em nosso horizonte de pesquisa, estavam crianças em processo de alfabetização - sujeitos situados social e culturalmente num tempo e num espaço, que se constituem na alteridade, nas relações que estabelecem cotidianamente com o outro e com o mundo. Advém também deste referencial nosso entendimento de que a alfabetização não pode reduzir-se ao mero lidar com as letras, numa esfera puramente mecânica; ao contrário, nos leva à ideia de uma alfabetização abrangente que é necessariamente política. Entendemos que alfabetizar é, com efeito, um processo que deve referenciar-se na escrita em todas as suas

dimensões e nas distintas práticas sociais e vivências cotidianas das crianças, o que implica considerar a cultura escrita como objeto da alfabetização, para além do sistema de escrita alfabética. Observamos 12 eventos nos quais a professora focalizou o ensino de: sinais de pontuação, tipos de frases, tipos de substantivos, gênero, número e grau do substantivo, antônimos, entre outros conhecimentos linguísticos. A professora costumava reservar momentos específicos durante a semana para tratar desses conteúdos e depois usava um texto, ou tão somente a proposição de exercícios centralizados em frases, para reforçar e/ou checar o conteúdo ensinado. A este respeito, em entrevista que realizamos com a docente, ela nos esclarece que:

Leitura e interpretação é o básico, é o essencial, fundamental. Só que, por exemplo, eu gosto de dar gramática, eu! Tem gente que não se importa com isso, é indiferente. “Ah bobeira, vou dar isso para quê?”. Então dá por dar. Não! Eu gosto de trabalhar gramática com eles, sabe!? Porque eu acho que só o texto fica muito pouco, que no ano inteiro, você ficar só dando interpretação? E o resto que você pode tirar do texto, que você pode procurar no texto? Eu acho que tem que ter. (Entrevista, dez./2017).

De fato, os textos – seguidos de “perguntas de interpretação” – ocuparam um espaço significativo no trabalho que a professora desenvolveu e esteve muito associado ao ensino de diferentes gêneros textuais; mas o ensino de gramática também era central, como ela mesma reforça na entrevista, dizendo que gosta de dar gramática. Entretanto, o ensino de gramática era separado do trabalho com gêneros textuais. Argumentamos então que os eventos de alfabetização com ênfase no ensino de gramática se distanciaram de uma prática de análise linguística (AL), proposta, por exemplo, pelo PNAIC. A prática de análise linguística (AL) é marcada pela tentativa de compreender o funcionamento dos gêneros textuais refletindo sobre aspectos linguísticos e discursivos que os constituem. Nesse sentido, como sublinha Mendonça (2007, p. 73), “a AL é crucial no trabalho pedagógico com os gêneros, já que possibilita uma análise sistemática e consciente sobre o que há de especial em cada gênero na sua relação com as práticas sociais de que fazem parte”. Os eventos que acompanhamos demonstram que a professora partia de uma noção já pronta, trazendo definições prévias, exemplos e exercícios de fixação para o ensino de gramática. O texto aparecia na tentativa de contextualizar esse ensino, mas ainda sob uma concepção de língua como sistema de normas, acabada e invariável, concepção essa criticada por Bakhtin, mas que vem marcando os processos de ensino e aprendizagem da língua escrita há décadas; Esses eventos se caracterizavam por exercícios estruturais de identificação e classificação de unidades, não tinham relação entre si e nem se conectavam com o trabalho em torno dos gêneros textuais, revelando uma fragmentação entre os eixos de ensino da língua, o que também é criticado por Geraldini (1997), por exemplo, embora a professora se utilizasse de textos. Por fim, observamos uma metodologia baseada na transmissibilidade e na exposição, aos moldes de uma educação bancária, tão criticada por Freire.

Palavras-chave: Eventos de Alfabetização. Ensino de gramática. Estudo de caso. Etnografia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BARTLETT, Lesley; VAVRUS, Frances. **Rethinking Case Study Research: A Comparative Approach**. New York: Routledge, 2017.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como practica social. *In*: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GERALDI, João Wanderlei. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HEATH, Shirley. El valor de la lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas en el hogar y en la escuela. *In*: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (org.). **Escritura y sociedad**: Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Peru, 2004.

HEATH, Shirley; STREET, Brian. **On ethnography**: approaches to language and literacy research. Teachers College Press, 2008.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. *In*: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTI, Marianne C.B. **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. 1 ed. São Paulo:Parábola Editorial, 2014.